

Colete Encarnado

Vila Franca de Xira



Município de Vila Franca de Xira | Turismo

30 Junho
a
02 Julho
2006



Vila Franca de Xira
Um Concelho com Identidade



Fado de Vila Franca

*B*arrete sobre a orelha
cinta vermelha bem apertada
e ao alto firme o pampilho
quando o novilho foge à manada

*C*om o colete encarnado
jaqueta e meia branca
campinos toiros e fado
esperas de gado em vila franca

*O*h terras do ribatejo
cheias de sol e alegria
oh gente sem ambições
que dá lições de valentia

*O*h terras de vila franca
onde tanta e tanta vez
sem temer uma colhida
se arrisca a vida com altivez

*U*m lavrador de samarra
e uma guitarra bem dedelhada
campinos de manhã cedo
firmes sem medo sobre a montada

E se uma pega é valente
ninguém da praça os arranca
vibra a gente entusiasmada
numa tourada em vila franca

*O*h terras do ribatejo
cheias de sol e alegria
oh gente sem ambições
que dá lições de valentia

*O*h terras de vila franca
onde tanta e tanta vez
sem temer uma colhida
se arrisca a vida com altivez

Letra e Música: João Nobre

Propriedade: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Direcção: Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira - Maria da Luz Rosinha
Edição: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Departamento de Cultura, Turismo e Actividades Económicas
Design, Redacção e Fotografia: Gabinete de Gestão de Informação e Relações Públicas
Colaboração Especial: Carlos Vieira da Silva
Impressão: Tipografia Municipal
Tiragem: 4000 Exemplares
Distribuição gratuita - Junho 2006

Esta edição conta com o apoio do jornal **Vida Ribatejana**

Colete Encarnado de 2006

Em VILA FRANCA DE XIRA, desde 1932, participamos de alma e coração no COLETE ENCARNADO, a nossa FESTA MAIOR.

Uma Festa que, ano após ano, mantém o essencial dos aspectos mais tradicionais e indiscutíveis do programa habitual, e aperfeiçoa as inovações entretanto introduzidas.

Esta 74.ª Edição deverá estar à altura das melhores entre as melhores e deverá ser recordada como uma nova afirmação dos nossos valores mais fortes e das nossas tradições mais genuínas.

Neste sentido, tudo fizemos para concretizar um bom programa de COLETE ENCARNADO, do qual destaco alguns dos momentos mais significativos:

- Na sexta-feira, visita às Tertúlias, Missa Rociera (na Igreja Matriz), inauguração do Monumento ao Forcado, corrida nocturna na Palha Blanco, espera nocturna seguida de Largada;

- No sábado, antes da animação popular nos palcos da cidade, da visita às tertúlias e da noite da sardinha assada, teremos a Homenagem ao Campino e a entrega do Pampilho de Honra, seguida de um Desfile de Arelagens, Campinos e Cavaleiros Amadores;

- E, no domingo, além da continuação da animação musical e a última espera (na parte da manhã), teremos mais uma corrida na Palha Blanco, ficando as

últimas horas do certame marcadas por fogo-de-artifício sobre o rio Tejo e o som sempre renovado do nosso Fado de Vila Franca.

Com tantos motivos de interesse e uma animação tão típica e original, resta-me recordar que, como sempre acontece, o COLETE ENCARNADO só ganha verdadeiro sentido e total plenitude com o apoio e a participação empenhada da população da cidade, quer através das suas colectividades, clubes, tertúlias e associações quer de grupos de amigos e familiares - sempre mais presentes e actuates em cada ano que

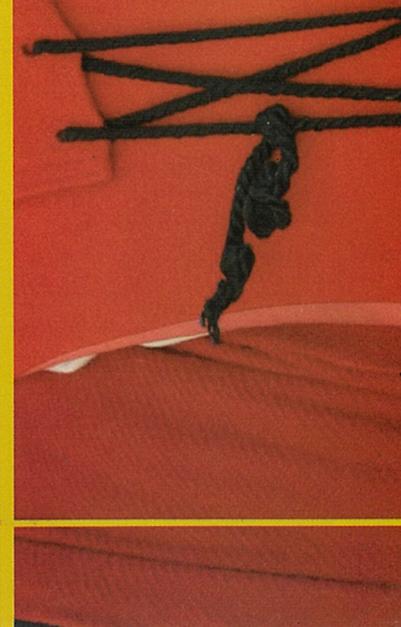
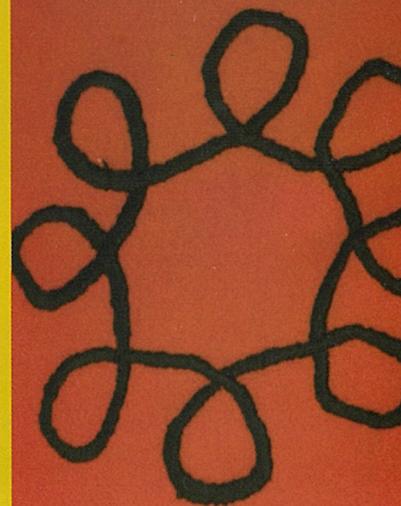
passa -, ou de pessoas isoladas, aficionados e entusiastas de todos os quadrantes, mas juntos na firme determinação de defender esta nossa FESTA MAIOR.

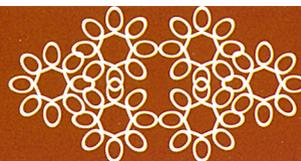
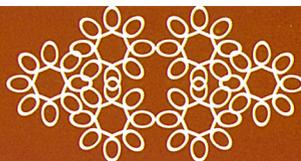
Por fim, uma referência ao momento mais alto, a HOMENAGEM AO CAMPINO: este ano, o profissional escolhido por todos os seus colegas é FRANCISCO PAULINO, uma das mais frequentes e conhecidas presenças nas Esperas e Largadas de Vila Franca de Xira, tanto no Colete Encarnado como na Feira de Outubro. Quanto ao Pampilho de Honra, esse leva o nome honrado de JOAQUIM TRANCAS, um velho maioral recentemente falecido.

A todos, um bom COLETE ENCARNADO!
SEJAM BEM-VINDOS!

A Presidente da Câmara Municipal

Maria da Luz Rosinha
Maria da Luz Rosinha



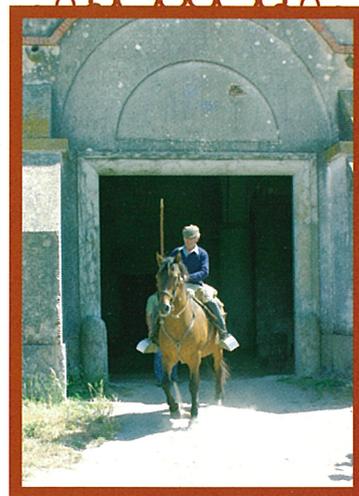


- Campino Homenageado 2006 -

Francisco Paulino encerra 300 anos de campinagem na família



No primeiro fim-de-semana de Julho, Vila Franca de Xira volta a vestir o Colete Encarnado, desta feita, para homenagear Francisco Paulino. Reconhecido o seu desempenho no ofício da campinagem, os seus colegas elegem-no este ano como símbolo da bravura ribatejana.



Família Paulino: 300 anos de campinagem

Nascido em Alcochete, em 1940, este campino de olhos azuis viu muito cedo a sua meninice entregue às lides do campo! Com a pesada herança de 300 anos de campinagem na família Paulino, o seu futuro estava traçado. Com bisavô, avô e pai no ofício, o maneio do gado bravo era coisa já entranhada, parte do seu sangue. José Paulino, o bisavô, António Júlio Paulino, o avô e Anacácio Paulino, o pai, realizaram a passagem de testemunho e segredos que envolvem esta profissão de valentia. Os homens da família Paulino fizeram, sempre, parte deste elenco emblemático do Ribatejo. O pai do nosso entrevistado foi homenageado em Samora Correia e o seu avô em Vila Franca de Xira, no Colete Encarnado.

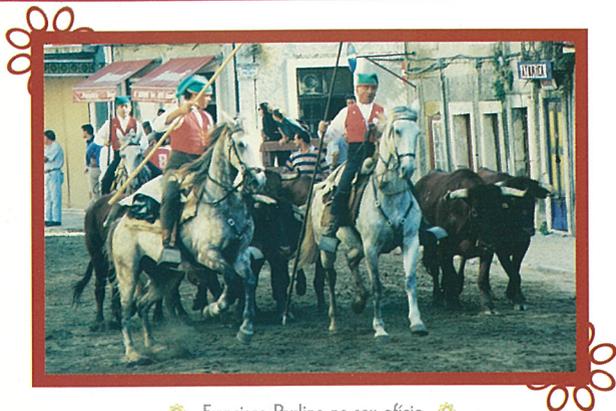
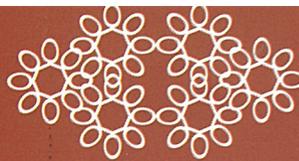
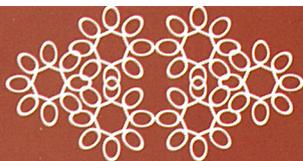
E tal como os seus antepassados, Francisco fez dos campos a sua casa. Depois de casar (aos 23 anos), para onde ia, a família acompanhava-o. E foi assim durante toda a sua vida. A sua filha até já trabalhou como sua ajudante, montava poldros, mas “o neto quer é bola!”. Assim, Francisco é o último da geração Paulino a fincar os polegares no colete e entregar-se à campinagem.

De casa às costas

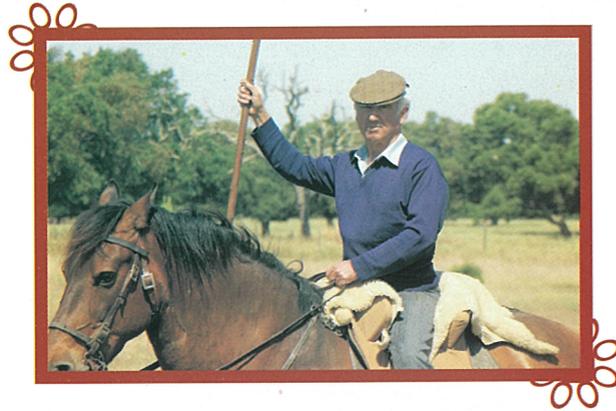
O extenso percurso de vida deste campino trouxe-lhe experiência. Desde que começou nunca mais parou. Passou por muitas casas agrícolas e de tudo fez. Quando aos sete anos, o trabalho falou mais alto que as obrigações escolares (vindo a completar a 3.ª classe pouco antes da tropa) começou a lidar com bois de trabalho na Herdade de Camarate, em Samora Correia,

onde ficou até aos 18 anos. Serviu depois em “Santo Isidro”, como maioral de vacas, até que foi chamado para cumprir as suas obrigações militares. Voltado da Guerra do Ultramar (após quatro anos) ingressa na “Companhia da Lezírias”. Por lá ficou dois anos e a sua função era montar cavalos. Achando os seus rendimentos escassos, e porque a vida era difícil, rumou a Caneças onde trabalhou num picadeiro. Mas, não satisfeito, voltou à sua terra natal para ficar 13 anos ao serviço do Sr. Conde Cabral, como maioral de vacas e picador. Deixar esta casa “deixou-me pena”, confessa Francisco Paulino, “diziam que eu era o menino bonito do Sr. Conde, pois ele era um patrão muito bom, não se aborrecia se eu o ensinasse a pôr a vara, ou se lhe dava um ralhete para não falar alto junto dos toiros...”. Com o 25 de Abril, o Estado tomou conta da Herdade e, enfrentando a luta da vida, Francisco partiu





☀ Francisco Paulino no seu ofício ☀



novamente, para montar os cavalos de ferro Lopes Aleixo, em Coruche. Nunca se acomodando passou ainda pela ganadaria Prudência, em Almeirim, onde foi maioral de vacas. Finalmente, estabeleceu-se em Samora e retornou à "Companhia das Lezírias" à qual se dedicou durante 22 anos.

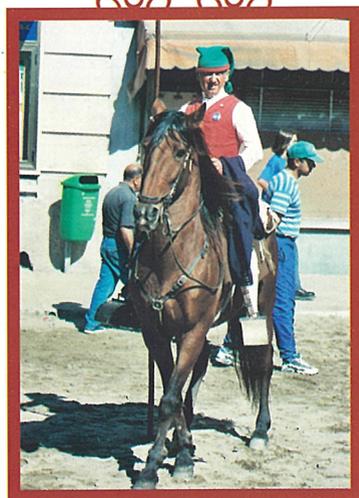
Com um leve sorriso de orgulho diz que foi o "número um" de muitas casas por onde passou. Prova disso é que "ainda hoje os antigos patrões me dizem: você faz muita falta...".

Reformado em Abril do ano transacto passou

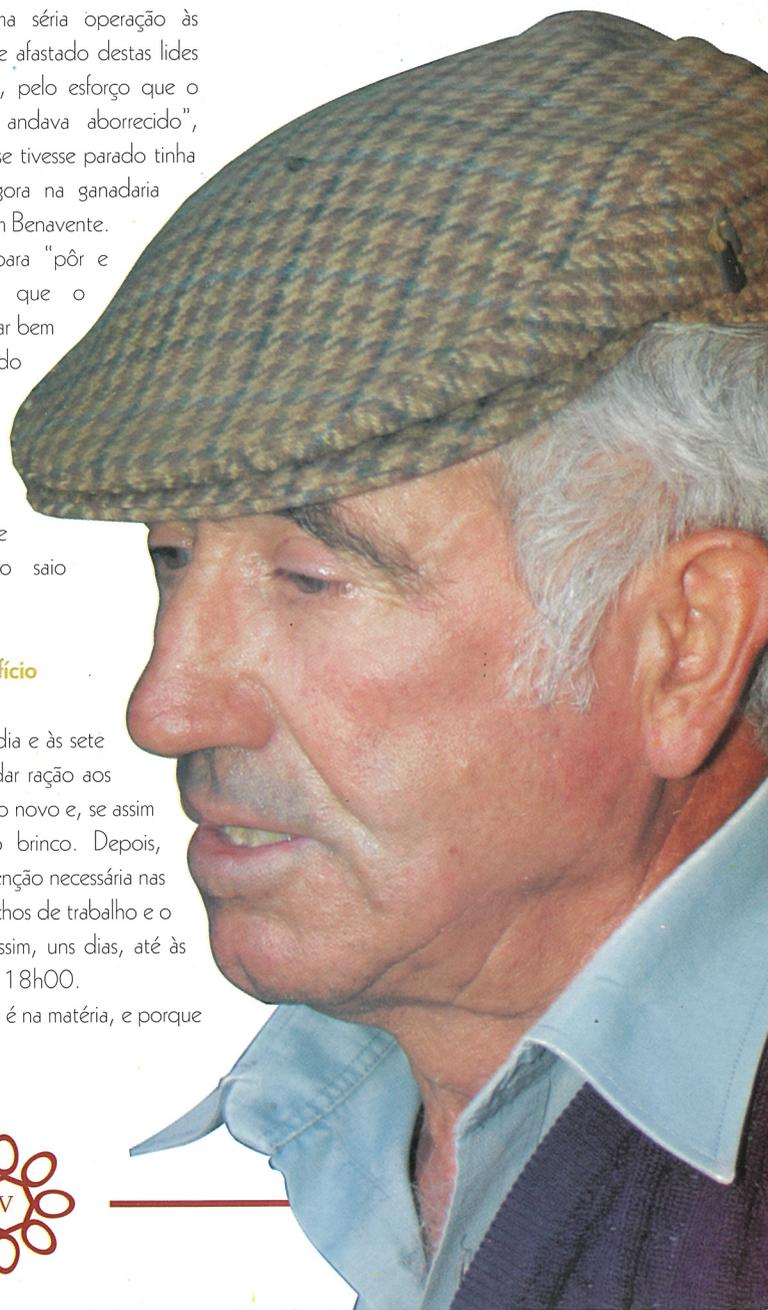
recentemente por uma séria operação às costas, que o manteve afastado destas lides durante quatro meses, pelo esforço que o trabalho exige. "Já andava aborrecido", desabafa, e "porque se tivesse parado tinha morrido", trabalha agora na ganadaria Jorge de Carvalho, em Benavente. Agora tem o aval para "pôr e dispor pois sabem que o trabalho acaba por ficar bem feito. Dou bem conta do recado e ainda a semana passada fechei 32 garraios sozinho, não deixei para ninguém! Em me dando bem já não saio daqui", diz convicto.

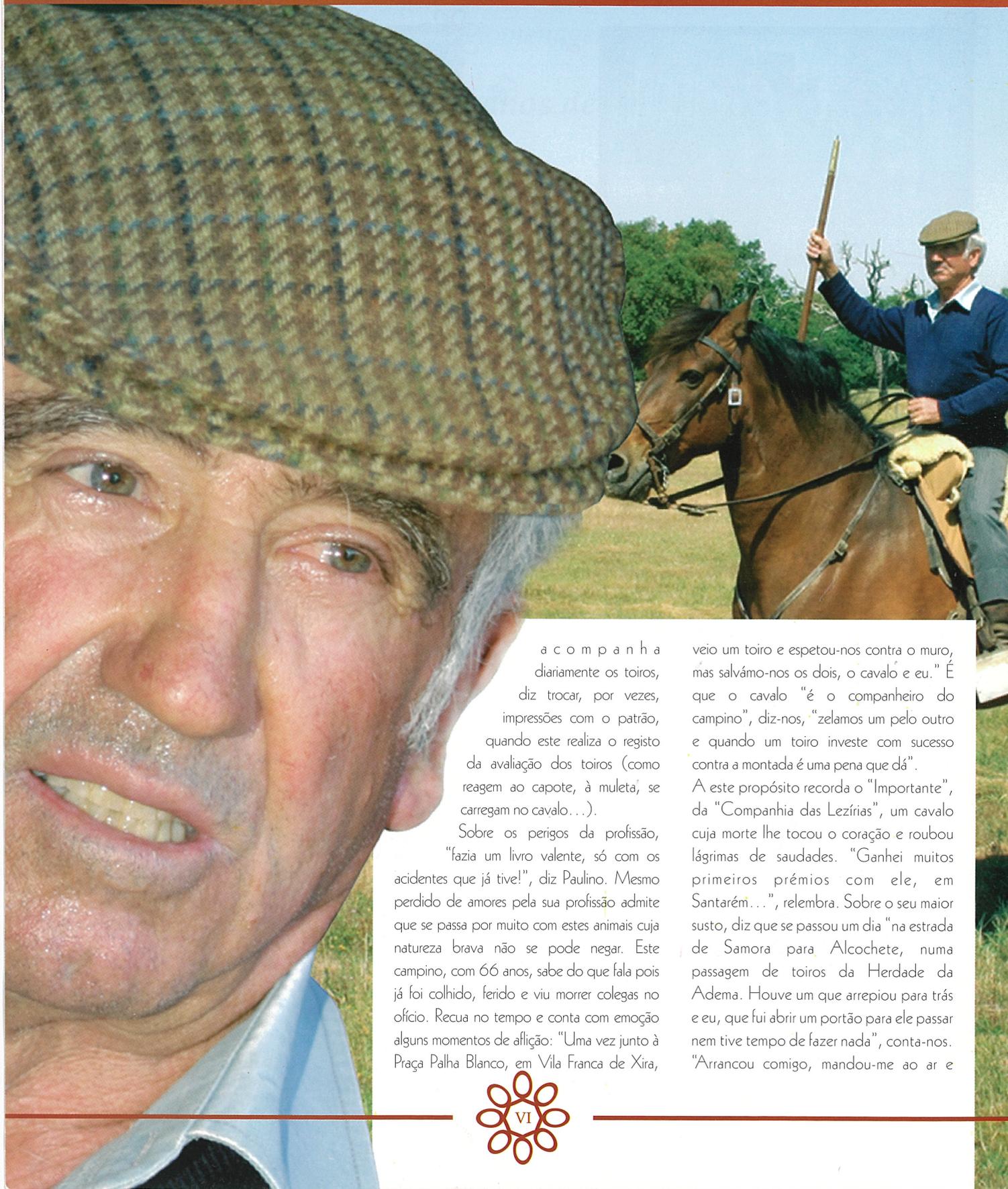
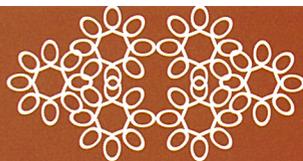
Coisas do ofício

Começa cedo o seu dia e às sete da manhã já anda a dar ração aos toiros, vê se há bezerro novo e, se assim é, põe o respectivo brinco. Depois, procura fazer a manutenção necessária nas vedações, nos apetrechos de trabalho e o seu dia prolonga-se assim, uns dias, até às 17h00, outros até às 18h00. Como entendido que é na matéria, e porque



☀ Francisco Paulino nas Esperas de Toiros Colete Encarnado ☀



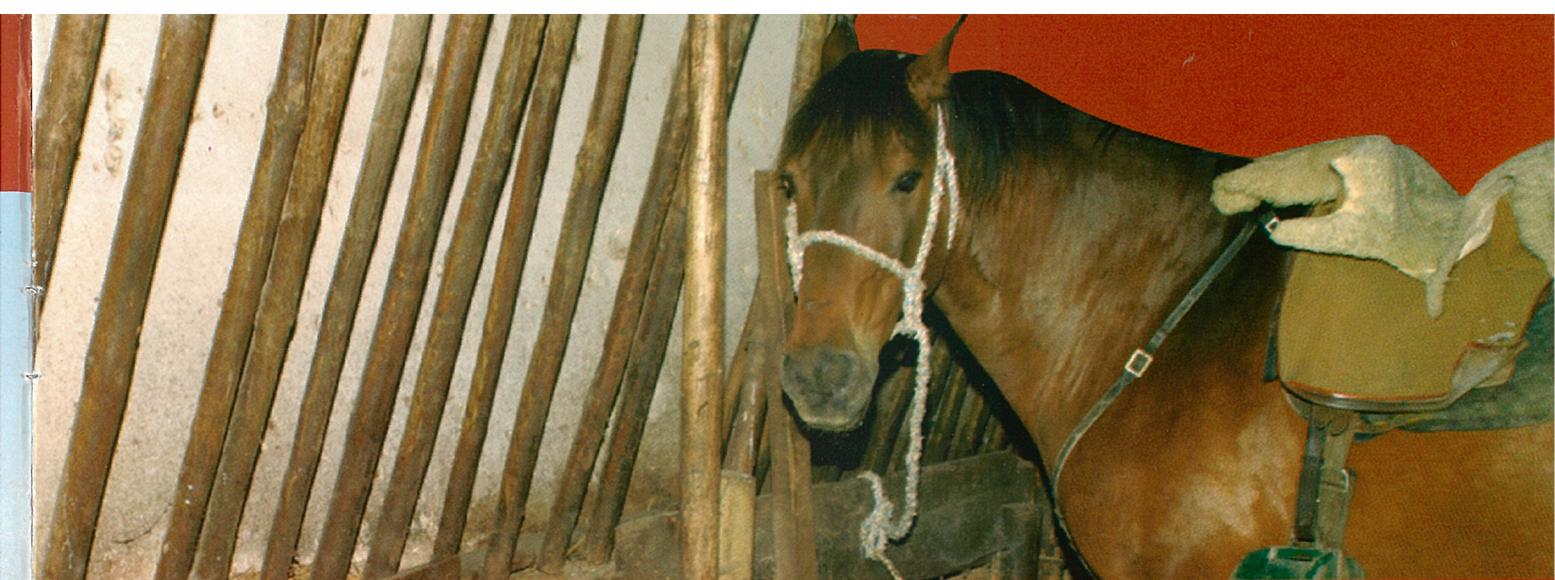


a c o m p a n h a
diariamente os toiros,
diz trocar, por vezes,
impressões com o patrão,
quando este realiza o registo
da avaliação dos toiros (como
reagem ao capote, à muleta, se
carregam no cavalo...).

Sobre os perigos da profissão,
“fazia um livro valente, só com os
acidentes que já tive!”, diz Paulino. Mesmo
perdido de amores pela sua profissão admite
que se passa por muito com estes animais cuja
natureza brava não se pode negar. Este
campino, com 66 anos, sabe do que fala pois
já foi colhido, ferido e viu morrer colegas no
ofício. Recua no tempo e conta com emoção
alguns momentos de aflição: “Uma vez junto à
Praça Palha Blanco, em Vila Franca de Xira,

veio um toiro e espetou-nos contra o muro,
mas salvámo-nos os dois, o cavalo e eu.” É
que o cavalo “é o companheiro do
campino”, diz-nos, “zelamos um pelo outro
e quando um toiro investe com sucesso
contra a montada é uma pena que dá”.

A este propósito recorda o “Importante”,
da “Companhia das Lezírias”, um cavalo
cuja morte lhe tocou o coração e roubou
lágrimas de saudades. “Ganhei muitos
primeiros prémios com ele, em
Santarém...”, relembra. Sobre o seu maior
susto, diz que se passou um dia “na estrada
de Samora para Alcochete, numa
passagem de toiros da Herdade da
Adema. Houve um que arrepiou para trás
e eu, que fui abrir um portão para ele passar
nem tive tempo de fazer nada”, conta-nos.
“Arrancou comigo, mandou-me ao ar e



quando caí perdi os sentidos". Houve quem dissesse "o Paulino já não volta... como ele vai...". Acordou ao fim de dois dias, no hospital, com a orelha bastante maltratada, "mas eu, quanto mais levo mais gosto deles...", diz, encolhendo os ombros. Outra vez, na casa Conde Cabral, "quando punha um brinco num bezerro, a vaca arrancou comigo e tive que a pegar de costas, agarrei-me com força e só me larguei quando ela me levou até uma vala para onde me atirei... viesse o que viesse, tínhamos que reagir", conta. Mesmo sendo pouco dado a evidências, Francisco Paulino acaba por demonstrar que é necessária mestria nos momentos de perigo. Explica com gosto as artimanhas, como o uso da jaqueta para, quando há azar, entreter o toiro. É que, conhece "o gado bravo por dentro e por fora" e confessa: "tenho mais medo do meu mal das costas do que dos toiros!"

A homenagem

Não é a primeira vez que recebe uma homenagem, pois já em 2005 foi a figura de destaque da festa do Barrete Verde, em Alcochete. Também na Feira de Azambuja, no final deste último

Maio, foi brindado com honras especiais. Mas, mais que estes momentos e todas as taças de prémios de corridas de campinos e outras provas, a vinda ao Colete Encarnado é, sobretudo, este ano, muito especial: "andamos na nossa vida à espera deste momento. Sinto orgulho, chegou o momento por que tanto ansiava. É esta coisa que tenho comigo... uma alegria no coração". Apesar deste sentimento, não puxa a homenagem só a si e diz que representa todos os colegas de profissão e por isso é muito importante. Até porque acha que, no futuro, a campinagem tem tendência a acabar. "Há poucos miúdos a aprender este ofício... e os mais novos desta vida já têm um dia-a-dia menos duro, vão ficar a casa, gostam mais de ir às festas e não há uma entrega a 100%", conta-nos, "têm gosto por isto mas querem mais".

No próximo dia 1 de Julho, Francisco Paulino veste o traje, que só em dias de festa se vê, e recebe uma simbólica homenagem pelo seu tributo à campinagem.

* Ana Sofia Coelho - texto *
* Marco Aurélio - fotos *



Joaquim "Trancas"



Joaquim "Trancas" nas Esperas de Toiros em Vila Franca de Xira - 1979

É o Momento Alto da Festa Maior. Com as ruas engalanadas e o ar envolto em pleno espírito de Colete Encarnado, cujo arranque teve lugar na véspera, a tarde de Sábado - habitualmente - soalheira grava nos corações toda a autenticidade desta Festa, verdadeiro ex-libris da cidade de Vila Franca de Xira.

É o momento de prestar Homenagem aos homens que deram o nome à Festa: os campinos. E ei-los que se aproximam do Largo da Câmara, nas suas montadas, vestidos a preceito para a cerimónia: colete vermelho, barrete verde e pampilho em riste. É assim em cada Colete Encarnado, desde há 74 anos: na tarde de Sábado, os profissionais do campo deslocam-se à cidade e são os personagens principais de uma Homenagem que tem duas vertentes: reconhecer o trabalho destes homens e dá-lo a conhecer publicamente aos milhares que ocorrem à Festa, homenageando um de entre eles, em cada ano; simultaneamente, entregar ao Campino Homenageado o Pampilho de Honra, sinónimo de homenagem póstuma a um campino, cujo nome é gravado no instrumento diário de trabalho destes homens.

É também um momento de grande confraternização, entre companheiros de

uma mesma labuta diária, plena de riscos mas também de alegrias, já que todos se identificam com a profissão com verdadeira paixão, a ela se entregando de corpo e alma ao longo da vida.

Joaquim "Trancas"

Este ano o Pampilho de Honra leva gravado o nome de Joaquim "Trancas", campino recentemente falecido. Nascido a 15 de Agosto de 1933, foi registado Joaquim Lopes Espírito Santo mas, desde sempre, conhecido como Joaquim "Trancas". À partida pensar-se-ia numa alcunha, tão usual entre colegas, no entanto, à conversa com a sua viúva, D. Efigénia, é-nos dada a explicação: "O avô dele era Trancas, o pai é que não lhe pôs esse nome, apesar de haver, na família, quem tenha tal apelido. O certo é que sempre o chamaram assim e, ainda hoje, chamam "Trancas" às minhas filhas e a mim, como se tivéssemos esse nome."

Tal como a maioria dos seus colegas de profissão, também Joaquim "Trancas" começou "novito", como diz a sua companheira de vida. "Aos 10, 11 anos, já ele dava ajuda ao pai na lavoura, 'tocando' os bois presos às charruas, para amanharem

a terra.

Mais tarde, na Herdade de Pancas (Conde Cabral), continuou a ter a seu cargo tarefas relacionadas com a lavoura e os animais. Sendo este um dos locais onde trabalhou por mais tempo, do seu percurso constam ainda a Companhia das Lezírias e várias casas agrícolas, de Samora ao Cabo, até que se fixou no "Mouchão" (Monte do Lico, em Samora Correia), onde, até à data do seu falecimento, viveu com a família, num período de mais de 40 anos.

"Ele é que fazia tudo por aí!"

Ao longo da nossa conversa, são vários os momentos em que Efigénia "Trancas" se emociona e não consegue impedir que as lágrimas revelem a dor que sente pela ausência na sua vida de Joaquim "Trancas". À medida que nos mostra fotografias que retratam vários momentos da vida do marido, evoca outros tantos episódios, dando-nos a conhecer um homem determinado, um verdadeiro amante das lides do campo, mas também uma pessoa solidária, sempre pronto a ajudar, qualquer que fosse a situação.

"Aqui é ele com o 'Zé dos Cavalos'; aqui é no Alentejo, com o pai, era ele muito novo; estas são da Homenagem, em Vila Franca (em

2001, Joaquim "Trancas" foi o Campino Homenageado), essa é em Samora, aquela ali é na Figueira da Foz."

Foi realmente em Samora, no local a que Efigénia dá o nome de "Mouchão", que Joaquim permaneceu mais tempo. A sua índole não lhe permitia continuar a trabalhar onde não era tratado como considerava mais adequado e, sempre que tal acontecia, "ia-se embora e ninguém sabia mais dele", relata a sua viúva.

É com o nascimento dos filhos, que Efigénia tenta acalmar a personalidade algo irrequieta do marido, fazendo-o perceber que "a gente não pode andar por aí aos tomos, isto de andarmos de lado para lado não é nada, não é vida!".

Fixam-se então em Samora Correia, ambos com 27 anos e é neste local que Joaquim passa a desempenhar a tarefa de maioral,

ainda que, quando o patrão lho propôs, tivesse recusado. Mais tarde, talvez graças ao bom senso da mulher, aceitou. Tal não o impediu, no entanto, de continuar a fazer de tudo um pouco, por entre as múltiplas tarefas do campo. "Ele é que fazia tudo por aí", assegura Efigénia.

Mais de 30 Corridas por Temporada

Basta um olhar atento pelas fotografias que Efigénia "Trancas" nos mostra para se perceber que o seu marido amava a vida que levava. A ponto de não parar, para descansar. "Anos houve, segundo Efigénia, em que fazia mais de 20 Corridas, a trabalhar com os cabrestos!".

Percurso exemplar, também espelhado nos múltiplos prémios que lhe foram atribuídos, no sem número de medalhas que a viúva nos dá a conhecer com todo o carinho, na Homenagem

que o Município de Vila Franca de Xira lhe prestou em 2001.

A saúde começou a faltar-lhe há alguns anos. Nos últimos quatro anos teve de recorrer a tratamentos de hemodiálise, depois foi uma queda que o levou à mesa de operações. Aparentemente, o nosso campino estava a reagir bem à operação, mas "as coisas complicaram-se porque ele já estava muito fraco da diálise e o coração não aguentou!".

O mesmo coração que lhe deu garra para viver com paixão uma vida de campinagem e de ajuda ao próximo; o coração de um homem cujo nome ficará para sempre na memória de quantos tiveram a honra de com ele privar e, agora, para sempre ficará gravado naquele que é o símbolo do seu trabalho.

Fátima Faria Roque - texto

* Fotos - pertença da família de Joaquim Trancas *



* Joaquim "Trancas" na Praça de Toiros Palha Blanco *

- Tertúlia "O Touril" -

Paredes Com Identidade



Em cima, Alberto Oliveira e Rui Bico em baixo, Libertino Pereira da Costa, João Domingos da Silva e Fernando Conde Pereira



As réplicas

Excursionistas e Aficionados

Do grupo inicial de 14 elementos, que se juntava para passeios, petiscos e convívio, restam hoje três: João Domingos da Silva, o "Rabugo", Libertino Pereira da Costa e Fernando Conde Pereira. Recebem-nos com simpatia e, adivinha-se já, sedentos de dar azo às memórias de um tempo vivido em pleno e que, agora, têm oportunidade de lembrar.

De tal modo que, ao longo da conversa, várias são as ocasiões em que os três falam em simultâneo, umas vezes para conferir mais força a determinado aspecto, outras para encetarem breves apontamentos de discórdia que, logo, são atenuados pela felicidade das recordações. Em todos os momentos, sente-se no ar uma forte amizade, pautada e construída, em grande parte, graças a este espaço, a que deram vida.

Tudo começou quando, ainda jovens, organizavam excursões regulares. Já então eram verdadeiros aficionados e, com o tempo, foram sentido necessidade de transportar as conversas e os petiscos da

antiga taberna "14 e 8", onde se reuniam, para um espaço só seu. "Eh pá, se a gente arranjasse uma casa, se a gente arranjasse uma casa...", não se cansava de dizer Américo Vieira, um dos fundadores.

A ligação familiar de um dos elementos à casa da Travessa da Lourença (n.º 7), permitiu-lhes arrendar o espaço - "na altura a renda eram 6 contos, agora já vai em 7 e meio!" - e começar a tratá-lo de acordo com as suas ideias.

"Isto era uma casa de habitação e não estava nada assim: a chaminé e as paredes eram direitas, não tinha casa-de-banho...", explica-nos um dos fundadores.

Uma Réplica Perfeita da Praça Palha Blanco

Do trabalho deste grupo nasceu, então, "O Touril", nome ao qual a casa havia de fazer jus, tal como nos descrevem: "isto representa a entrada no touril e, depois, passa-se à arena. É que, agora, entra-se pela porta larga, mas, antigamente, todos os artistas entravam pelo touril!"

O touril, a arena, mas também a porta dos cavalos - elemento curioso, criado na zona baixa do fogão -, "a teia, a porta do touro, a porta dos cabrestos e dos toureiros e estas ferragens, que são tal qual as que lá estão!"

Não falta sequer o arco, "a condizer com as arcadas da Praça de Toiros."

Estava assim criada a Tertúlia "O Touril", cuja inauguração teve lugar em plena festa de Colete Encarnado, a 02 de Julho de 1977. Para além da ornamentação da casa, com elementos estruturais que recriam a Palha Blanco, os fundadores decoraram o seu interior com elementos que representam bem toda a simbologia da Festa Brava, uns comprados, outros oferecidos, com especial destaque para "aquela cabeça de toiro, que foi trabalhada, em Salvaterra, pelo Chibanga. Era um "Pinto Barreiros" puro, uma fera! Esta cabeça foi embalsamada em Ferreira do Alentejo".

Tudo conquistado com muito trabalho,



A entrada no touril representada na porta exterior da tertúlia





☀ A cabeça de toiro "Pinto Barreiros" ☀

evidente alegria e parcos apoios, a não ser os do próprio grupo excursionista - "Só aquela cabeça de toiro ficou-nos num dinheirão! Para a trazermos do matadouro foi preciso pagar para cima de um conto de réis!".

"O Touril" renasce graças aos "netos emprestados"

A Tertúlia funcionou durante algum tempo mas, por falta de apoios e porque "as forças começaram a faltar-nos", acaba por fechar portas ao público, mantendo-se apenas enquanto local de convívio para os fundadores. "Além disso, recordam, na altura, a única coisa que a Câmara dava para aqui eram as sardinhas, pão, vinho, copos, era tudo connosco. No Verão fazíamos as excursões do grupo, arranjava-se algum dinheiro que se amealhava, compravam-se 100 litros de vinho, copos e era tudo posto à disposição de todos. É isto

não era nada do que é hoje: esta rua ficava cheia! Ora, comiam, bebiam, como se estivessem em casa deles e, no fim, ainda levavam o que era nosso! Então pensámos: isto assim não dá!"

Os excessos de alguns, os abusos de outros "desaparecia tudo, desde o que oferecíamos ao que era nosso" -, levam ao cansaço do grupo e ao fecho da tertúlia a visitantes do exterior.

É é graças a um grupo de gente mais nova - os "netos emprestados" dos fundadores, ou seja, os maridos das netas -, de quem não sabem bem os nomes mas de quem não esquecem as alcunhas, que "O Touril" renasce, no sentido de reabrir as suas portas ao público durante o Colete Encarnado.

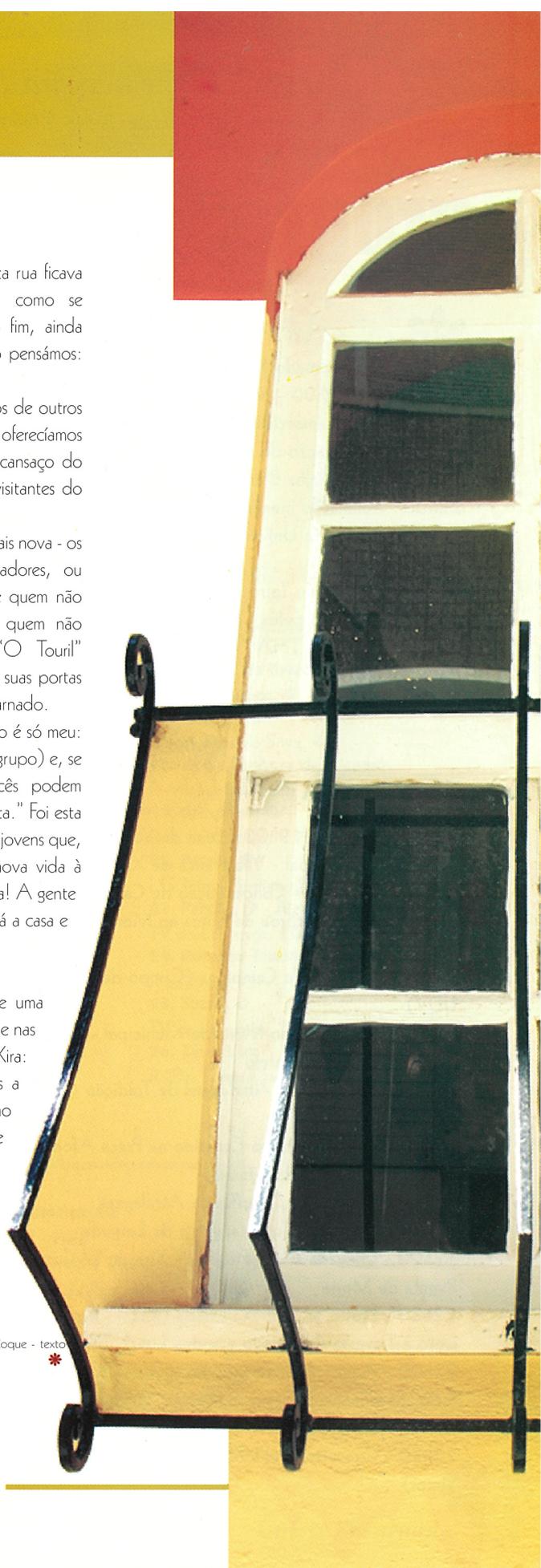
"Eh pá! Aí pára! Que aquilo não é só meu: eu vou falar com eles (o resto do grupo) e, se eles estiverem de acordo, vocês podem começar a organizar lá a vossa festa." Foi esta a primeira reacção ao pedido dos jovens que, há cerca de dois anos, deram nova vida à tertúlia. "A gente não dá a tertúlia! A gente empresta! Fica assente: a gente dá a casa e nome, o resto fazem eles!"



O resto, é o retomar de uma tradição bem viva na terra e nas gentes de Vila Franca de Xira:

o abrir de portas das tertúlias a todos quantos nos visitam em pleno Colete Encarnado, para assim se associarem ao espírito da Festa e daqui levarem, em cada ano, boas recordações, novos amigos e vontade de cá voltar. "Foi assim que isto nasceu..."

Ana Sofia Coelho - entrevista / Fátima Faria Roque - texto
* Vitor Cartaxo - fotos *





Festa do Colete Encarnado

30 de Junho, 1 e 2 de Julho 2006

programa



11h00 - "Pilha Galinhas" Animação no Mercado Municipal e Praça do Município
20h00 - Missa Rociera com o Grupo Trakamandana (Igreja Matriz de V. F. Xira)

21h45 - Inauguração do Monumento ao Forcado - Junto à Praça de Touros Palha Blanco

22h00 - Animação itinerante nas ruas da cidade com a Tuna Académica da Universidade Independente e Grupo "Pilha Galinhas"

22h30 - Corrida de Toiros na Praça Palha Blanco

22h30 - Concerto pelos "MESA" (Av. Pedro Victor)

24h00 - DJ ROD THA FUNK (Av. Pedro Victor)



02h00 - Espera de Toiros seguida de Largada
09h00/19h00 - Feira de Velharias no Jardim Municipal - Vila Franca de Xira
10h00 - Concentração de Campinos e

deposição de uma coroa de flores no Monumento ao Campino

10h30 - Corridas de Campinos (Campo de treinos do UDV)

11h00 - Animação no Mercado Municipal - Grupo Coral Unidos do Baixo Alentejo

14h30 - Concurso de Atrelagens de Tradição (Lg. 5 de Outubro)

16h00 - Homenagem ao Campino na Praça Afonso de Albuquerque (Lg. da Câmara)

Desfile de Campinos / Desfile de Atrelagens

18h00 - Espera de Toiros seguida de Largada

18h00 - Chegada a Vila Franca de Xira do IV Cruzeiro / Regata da Moita

22h30 - Noite da sardinha assada (Rua 1º de Dezembro, junto à Travessa do Araújo e antiga Lota)

23h00 - Animação itinerante nas ruas e palcos da cidade
Fado, Sevilhanas, Tunas Académicas, Grupos de Música e Ranchos Folclóricos

23h30 - Concerto com LUÍS REPRESAS (Av. Pedro Victor)



domingo

01h30 - "Suenos de Raza Flamenca" - Flamenco (Av. Pedro Victor)

02h00 - Garraiada da Sardinha Assada na Praça de Toiros Palha Blanco

04h30 - Distribuição de caldo verde

09h00 - Partida do IV Cruzeiro / Regata da Moita

10h30 - Espera de Toiros seguida de Largada

15h00 - Concerto com a Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense no Jardim Municipal

18h00 - Corrida na Praça de Toiros Palha Blanco

23h00 - Animação com fado na Praça Afonso de Albuquerque (Lg. da Câmara)

24h00 - Encerramento com o Fado de Vila Franca, na Praça Afonso de Albuquerque (Lg. da Câmara) e fogo-de-artifício no Rio Tejo

animação

Sexta-feira - 30 de Junho

11h00 - Pilha Galinhas - animação itinerante no Mercado Municipal e Praça do Município

20h00 - Missa Rociera - com o Grupo Trakamandana na Igreja Matriz de Vila Franca de Xira. Terminada a Missa - Actuação dos Fadistas nas escadas da Igreja

22h00 - Pilha Galinhas e Tuna Académica da Universidade Independente - animação itinerante nas Ruas da Cidade

Palco Av. Pedro Victor

22h30 - Concerto pelos MESA

24h00 - DJ Rod Tha Funk

Sábado - 1 de Julho

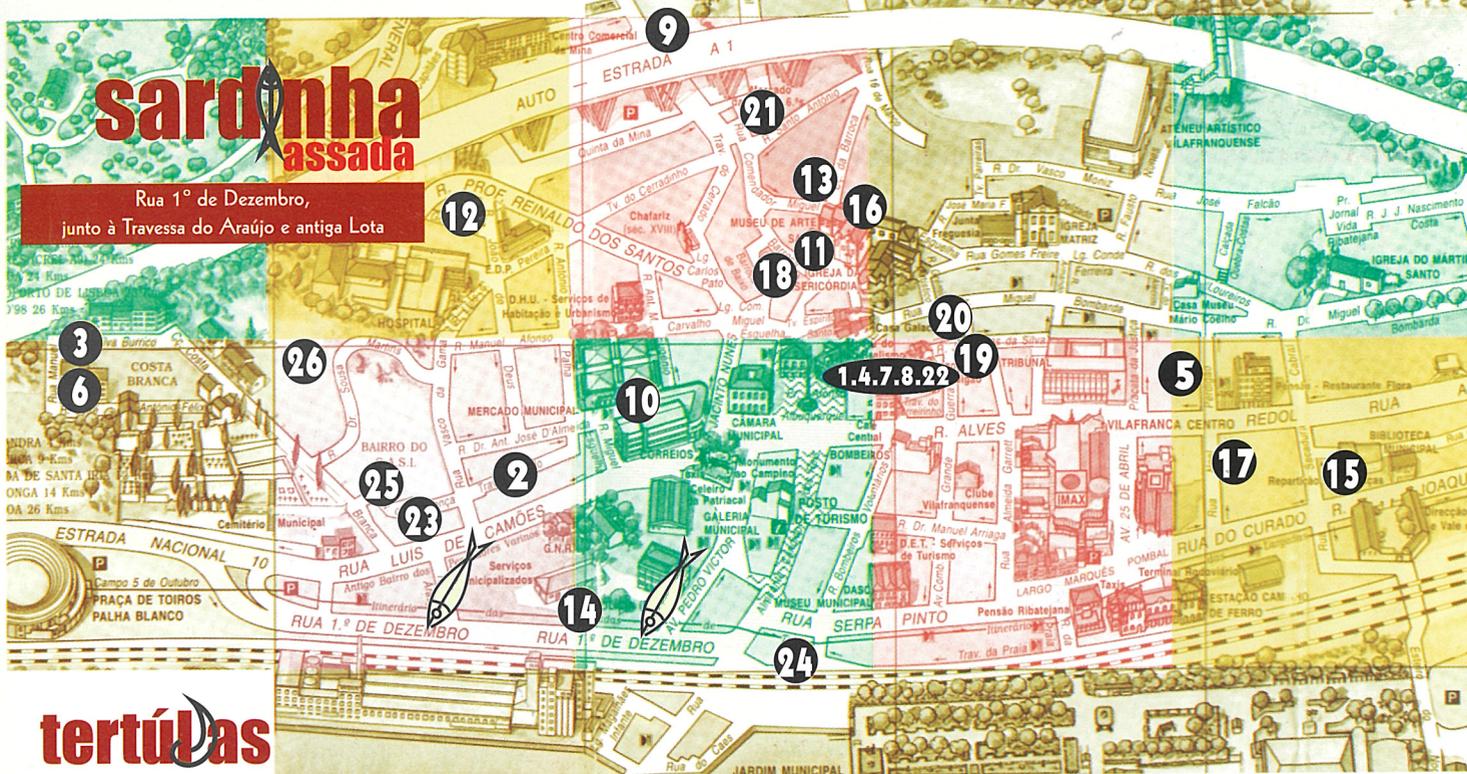
11h00 às 13h00 - Animação itinerante no Mercado Municipal e Praça do Município

16h00 - Participação da Banda Filarmónica do Ateneu Artístico Vilafranquense na Homenagem ao Campino seguido de desfile de campinos e de atrelagens

22h00/24h00 - Animação itinerante nas Ruas da Cidade com a Estudantina Académica do ISEL

sardinha assada

Rua 1º de Dezembro,
junto à Travessa do Araújo e antiga Lota



tertúlas

1. Abre-Max

LG Telmo Perdigão, 3

2. Aficionado, O

TV do Mercado, 12

3. Campino, O

R Manuel Silva Burico - Alto do Mesquita

4. Casa Velha do Amaral

TV do Açougue, 9

5. Charrua, A

R Noel Perdigão, 43

6. Cirófila

R Barreto Poeira, Lt D r/c Dt.

7. Clube Taurino Vilafranquense

R José Dias da Silva, 22

8. Companheiros do Balde, Os

LG Telmo Perdigão, 4- 6

9. Curro, O

R Bica do Chinelo - Vila Barreto, 36

10. Estoque, O

R António José de Almeida, 56

11. Forcados Amadores de VFXira, Casa dos

R do Espírito Santo, 31

12. Fortunato Simões

R Carlos José Gonçalves, 13 - c/v

13. Ganadero, O

CC da Barroca, 1

14. Lezira

R 1º de Dezembro, 39

15. Manuel Custódio

R Sacadura Cabral, 45 - 2º

16. Mata Cavalos

R. Comendador Miguel Esguelha, 25 r/c

17. Mata Copos

R. Noel Perdigão, 8

18. Miúdas da Barroca, As

Beco da Barroca, 4

19. Natural, O

R José Dias da Silva, 48

20. Nossa Senhora de Alcamé

R Miguel Bombarda nº 94

21. Pampilho, O

Bica do Chinelo, 8 A

22. Parras, Os

LG Telmo Perdigão, 22

23. Parrita, O - A Manga

TV da Lourença, 20 22

24. Recanto Taurino, O

R da Praia, 1

25. Touril, O

TV da Lourença, 7

26. Zás e Vira

R. Dr. Sousa Martins, 11

anição

Palco do Quartel dos Bombeiros Voluntários

23h00 - Orquestra Ligeira da Sociedade F. Recreio Alverquense

24h00 - "Suenos de Raza Flamenca" - Flamenco

01h00 - Baile com organista Hugo Miguel

Palco do Mártir Santo

23h00 - Grupo Cavaquinhos G.R.Bragadense

00h00 - Rancho Típico dos Avieiros

01h00 - Rancho Folclórico de Alfarrobeira

Palco Telmo Perdigão

24h00 - Fado

Palco Misericórdia

23h00 - Fado

Palco Av. Pedro Victor

23h30 - Luís Repesas

01h30 - "Suenos de Raza Flamenca" Flamenco

Domingo - 2 de Julho

15h00 - Concerto com a Banda do Ateneu no Jardim Municipal

23h00 - Encerramento com o Fado de Vila Franca na Praça Afonso de Albuquerque (Largo da Câmara)

Colete Encarnado



- Fortunato Simões -

Mais do que uma Tertúlia: uma História de Vida



Na Rua Carlos José Gonçalves, n.º 13, Cave a "Cave do n.º 13", como foi conhecida noutros tempos, encontramos a Tertúlia "Fortunato Simões", actualmente propriedade de Amélia Simões, Ilda Simões, Ana Cristina Pedrosa e Elsa Sofia Pedrosa.

Fundada a 21 de Novembro de 1977 por José Maria Ribeiro Simões, esta Tertúlia representa, simultaneamente, uma homenagem à Festa Brava e uma história de vida: a história da família fundadora, cujas raízes se encontram, bem firmes, nas artes dos moços de forcado e na criação de gado bravo.

Raízes desde sempre presentes em José

Maria Ribeiro Simões, que, com a criação desta Tertúlia, pretendeu homenagear a vida e obra de seu pai. Percurso familiar e objectos que identificam e simbolizam a Festa Brava, foram sendo colocados a par, transformando o espaço num misto de história familiar com apontamentos de tauromaquia, que fazem da "Fortunato Simões" um local único, aprazível e original.

A Coleção

Medalhas, fotografias, cartazes, esculturas, troféus, albúms fotográficos, jornais, revistas, utensílios usados no campo nas lides do gado bravo, bandarilhas, livros, trajes de forcado,

chapéus, pares de chifres, uma cabeça de toiro, pinturas, tecidos bordados, ferraduras, chocalhos, um "burladero", bilhetes de corridas, bolas de "embolar", pedaços de madeira com ferros de várias ganadarias, convivem com detalhes de vida, como: electrodomésticos de outros tempos (televisão e rádios), peças de mobiliário, candeeiros, cortinas, loiças. É a colecção da "Fortunato Simões", verdadeiro espólio representativo da Festa Brava, num local que, ao longo dos anos, foi ponto de encontro para conversas entre amigos, mas também para espaço privilegiado de celebrações festivas entre a família, onde não faltava, amiúde, a "Açorda de Sável", confeccionada

pelas mulheres, na própria cozinha da Tertúlia, que os homens encontravam já pronta, no regresso das “esperas” e das “corridas”.

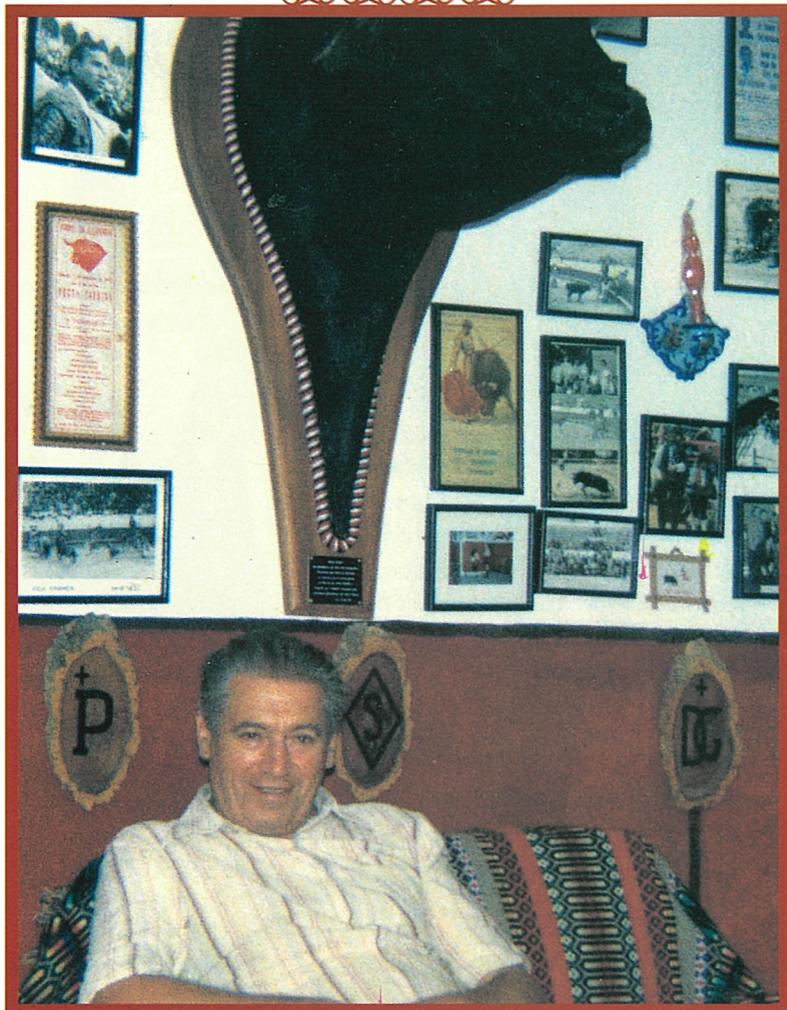
“A Casa do Zé da Jockey”

Beber um copo na “casa do Zé da Jockey” (nome pelo qual era conhecido o fundador), era ponto de passagem obrigatório para muitos, mas era com os campinos (trajados a rigor) e forcados, durante o “Colete” ou a “Feira” (tradicional e centenária Feira de Outubro, que integra também esperas e Corridas de Toiros), que a Tertúlia ganhava novas cores, que se trajava, também ela, de gala, para receber e viver a “Festa”.

Nessas alturas, não era raro encontrar a casa repleta de forcados a trocar de roupa ou até mesmo a dormir, acompanhados, por vezes, pelas respectivas famílias.

Numa casa em que as portas estavam sempre prontas a escancarar-se para mais uma sardinha assada, ou para receber mais um amigo, o problema de espaço não se colocava. Da recepção da Tertúlia para a Rua Carlos José Gonçalves, era apenas um passo, que o Sr. José Simões não hesitava em dar, conferindo assim a toda a rua um ambiente de franca hospitalidade e convívio, a pontos de ser certo que, muitos dos que visitavam a “Fortunato e Simões” pela primeira vez, se tornavam amigos assíduos nos anos seguintes.

Desde a morte do seu fundador (a 23 de Dezembro de 1987), a “Fortunato Simões” restringiu a sua actividade, mantendo, no entanto, o carácter de espaço de encontro familiar e de abertura ao público durante o Colete Encarnado.



✿ O fundador da tertúlia: José Maria Ribeiro Simões ✿

* Fátima Faria Roque - texto
Fortunato Simões - fotos *

Fonte - Artigo inserido em "Tertúlias e
Outros Lugares da Tauromaquia"



**José da Costa
Laureano**

Memórias do Último Representante dos Campinos do 1.º Colete Encarnado

A 13 de Julho próximo completa 90 anos de idade. Tinha apenas 15 em 1932, no 1.º Colete Encarnado, onde, ao serviço da Companhia Ribatejana e sob a direcção de José Palha e Infante da Câmara, vivenciou um dos episódios mais marcantes da história desta Festa, que não só não mais esqueceu, como reproduz com todo o detalhe e exactidão.

Homenageado pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira em 1999, José Laureano descende de uma dinastia de campinos, tendo um dos irmãos (João da Costa Laureano), sido cavaleiro tauromáquico.

Depois da Companhia Ribatejana (onde o pai, Manuel Laureano, era também campino), passou pela Casa Netos e Dias (de Benavente), pela de António Luís Lopes, de Joaquim Fernandes Varela (de Reguengos de Monsaraz) e, aos 75 anos, teve ainda forças para integrar a Casa Grave.

“74 Anos não são 74 dias!...”

A nossa conversa com José da Costa Laureano centrou-se na sua participação no



☀ José da Costa Laureano, ao centro, no 1.º Colete Encarnado, em 1932 ☀

1.º Colete Encarnado já que fez parte dos 50 campinos que nele trabalharam. Ao evocar esses tempos, a primeira lembrança, são os companheiros da altura, sobretudo “esse grande homem que foi o campino José Tavares, um grande amigo e meu companheiro de trabalho, o último dos 50 a ir embora... Eu até gostaria de estar com algum deles, para trocarmos impressões sobre o passado e o presente. Mas já cá não está nenhum, já sou só eu!”. E, acrescenta, “O próximo Colete Encarnado já faz 74

anos! E 74 anos não são 74 dias!”.

Quisemos saber mais. Como foi então esse 1.º Colete Encarnado em Vila Franca de Xira? José da Costa Laureano não se faz rogado, pelo contrário: “Vou expor tudo o que se passou”, promete-nos.

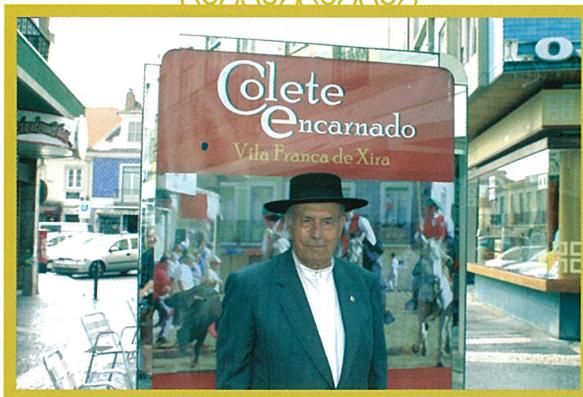
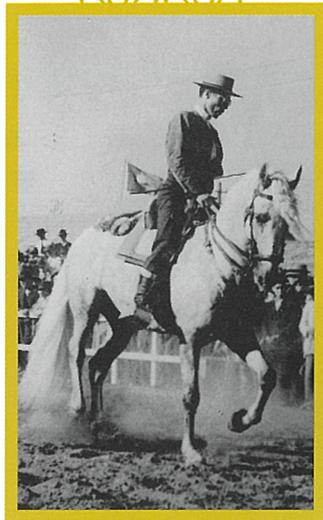
“Tudo a nado!”

Curiosos, avançamos com uma questão que nos parece deveras importante: como é que traziam os toiros? “Ó minha menina, isso tem muito que se lhe diga!”. E relata-nos:

“Nesse tempo não havia sequer sonho de ponte! Todo o gado bravo que tinha de passar para cá, fosse para as Corridas ou para o talho, passava tudo a nado.”

Tarefa árdua, que obrigava a uma organização perfeita dos campinos: “Aqui, onde chamam a “Palhota”, era o ponto mais estreito do rio e era aí que passava tudo a nadar, quando havia maré baixa. Primeiro, passavam uns quantos campinos para o outro lado, nas bateiras dos avieiros e os outros ficavam com os toiros. Atirávamos com eles para a água, nós passávamos nas bateiras, com os arreios dos cavalos presos e puxávamos os cabrestos.”





☀ A elegância de quem sempre trabalhou cavalos ☀

☀ José Laureano tem 89 anos de vida e 74 anos de Colete Encarnado ☀

“Tudo pronto a morrer, menos a deixar entrar os toiros na Praça”

E já dentro dá, então, Vila? O que acontecia? Segundo José Laureano, também essa parte era de extrema dificuldade. “O povo estava todo maluco”, recorda, adiantando que, “agora, os toiros para a Corrida, não os mesmos das esperas, mas, naquele tempo, eram! Nas ruas, não havia nem sequer uma vara de pinho para ajudar a conduzir os toiros -, não havia nada! Para mais, era a primeira festa do Colete Encarnado e estava tudo doido!”

Daí que, com tamanha euforia e sem as medidas de segurança que existem na actualidade, tenha “morrido gente que nem queira saber!”. E José Laureano, dá-nos os detalhes: “O povo atirou-se aos toiros. À “boca da rua” ficava um campino, chamava-se “fazer as portas” e iam passando os toiros. Eu fiquei “à boca” da (antiga) Rua dos

Bombeiros. Ora, quando os toiros chegaram à Lota, o Sr. Manuel Vicente meteu-se no meio deles, agarrou-se a um toiro e “espantou-se” tudo, largou tudo a fugir!”

Imaginamos a cena pelo olhos de José Laureano: debandada geral, povo para um lado, toiros para onde puderam e o resultado: “dos nove toiros, quatro foram parar às chamadas Barracas (uma propriedade para os lados da Azambuja), dois passaram a linha e ficaram debaixo de um comboio rápido, outros dois atiraram-se ao Tejo e nadaram até ao Cabo (que era onde tinham comido e dormido) e ficou só um debaixo do povo. Nunca mais o largaram!”.

“O nosso almoço, no dia seguinte, foi esse toiro”

O episódio que marcou, definitivamente, o primeiro Colete Encarnado e as memórias de quem o presenciou, parece continuar a

desenrolar-se perante nós, à medida que José Laureano o evoca, com toda a precisão, tal como havia prometido de início. Aliás, os acontecimentos levam-nos também para uma Vila Franca de Xira de outrora, com hábitos e costumes hoje desaparecidos, mas que constituem património da nossa terra.

“Na Quinta da Mina, onde hoje são prédios, era uma horta, com poços de água para cada um regar as suas coisas. Ora, o toiro foi-se meter na horta, nós os campinos queríamos tirá-lo de lá, mas o povo é que não deixava! O toiro, foi indo, foi indo, até que se meteu dentro do “rio” de Santa Sofia. Naquele tempo, a água não era mais do que um palmo e o toiro ficou aflito. Deitou-se de barriga e foi o meu grande amigo Zé Tavares que o laçou com uma corda e, com a ajuda de uma parrelha de mulas, o tirou de lá para fora. Depois, carregou-se o animal para um carro puxado a bois e foi para o talho. O nosso almoço, no dia seguinte, foi esse toiro”.





Mais de 40 horas sem comer, sem beber, sem dormir

Resolvido o problema do toiro que fugiu, havia que resolver outro de igual, ou maior, importância. Sem toiros, não haveria Corrida, sem Corrida estaria o Colete Encarnado arruinado, ainda para mais quando a empresa responsável tinha já contratos assinados. Explica-nos José Laureano: “Fomos de novo para o campo, para arranjar outros nove toiros. Passámos, de novo, com eles à “Palhota” e depois para a Quinta das Areias, onde reunimos para

pensar como é que íamos conseguir levá-los para a Praça.”

E esta, segundo José Laureano, foi a decisão mais acertada, a atitude que salvou o 1.º Colete Encarnado. Cientes de que o episódio desastroso poderia repetir-se caso voltassem a conduzir os toiros pelas ruas do mesmo modo, resolveram tapar os cascos aos cabrestos para o povo não ouvir o menor ruído e, “quando estava tudo a dormir, metemos os toiros dentro da Praça. E assim tivemos toiros para a Corrida”.

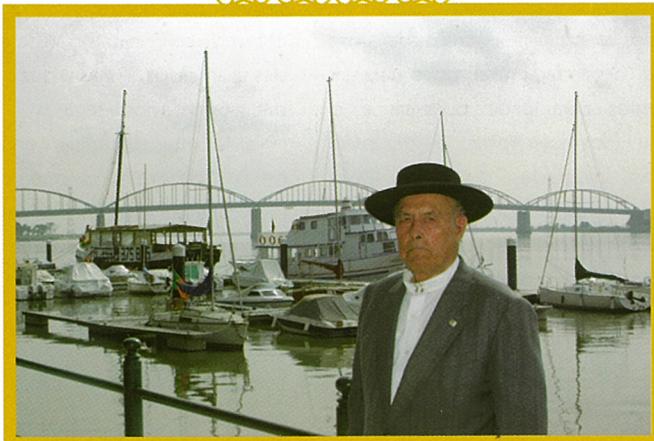
Só então se deram por satisfeitos e puderam, enfim, descansar um pouco. Após “40 e tal horas sem comer, sem

beber, sem dormir, fomos então comer o tal toiro, no Mercado.”.

“E assim se fez o 1.º Colete Encarnado”, remata José Laureano, a quem agradecemos a disponibilidade e o testemunho exemplar, sem o qual a história do Colete Encarnado ficaria, certamente, incompleta e, por isso, mais pobre.

Ao nosso entrevistado, o nosso Bem Haja!

Ana Sofia Coelho - entrevista
Fátima Faria Roque - texto
Marco Aurélio - fotos



☀ Junto à ponte, da qual em 1932, “não havia nem sonho” ☀



☀ José Laureano, hoje, com 89 anos ☀



- Ganadaria Canas Vigouroux -



Destino, Razão e Emoção na base da Ganadaria Canas Vigouroux



Touros com tamanho, iniciativa e andamento. É assim que os descreve o dono do ferro Canas Vigouroux. Uma ganadaria ainda recente, que nasceu dum acaso do destino, mas já com uma história de sucesso. Um resultado que decorre do sentido prático da actividade, mas também da "intuição" do ganadero.

Na Herdade do Emaús, freguesia de Castanheira do Ribatejo é o local onde se encontra a Ganadaria Canas Vigouroux. Com cerca de 200 hectares, a Herdade estende-se entre a linha de caminhos-de-ferro e o rio Tejo, sendo possível apreciar os belos exemplares de raça brava logo a partir da entrada. É no monte, junto ao casario, que o ganadero Pedro Canas Vigouroux vem ao nosso encontro, revelando, pelo jeito apressado com que se aproxima, o dia preenchido que tem pela frente.

Pedro Canas Vigouroux não gosta de ser alvo de atenções. Tem consciência que as situações de exposição pública podem contribuir para o crescimento da ganadaria, mas, se lhe dessem a escolher, preferia manter-se na actividade estrita da gestão da ganadaria, junto do seu pessoal e animais, sem olhares alheios.

No entanto, a avaliar pela simpatia e facilidade de conversação que revelou, concluímos que, provavelmente, esta aparente falha de sociabilidade não passa, afinal, de timidez ... ou então, do desejo de manter secreto o segredo do sucesso desta ganadaria.

Acaso do destino nas origens

A ganadaria Canas Vigouroux foi fundada há 14 anos. No entanto, o seu nascimento foi mais fruto de um acaso do destino que de um propósito específico. Nessa altura, as preocupações da Herdade centravam-se na

actividade agrícola que se deparava com casos de roubos na sua produção. Pedro Vigouroux pensou que um bom meio para afastar os malfeteiros seria a presença de gado bravo. Se assim pensou, melhor o fez: contactou um amigo da família e reputado criador de gado bravo, Cabral Ascensão, e pediu-lhe que lhe arranjasse três vacas para pôr no valado, junto ao rio, a fim de impedir o acesso dos ladrões. Algum tempo depois recebeu um telefonema do ganadero alentejano: "olha, tenho aqui as vacas, mas vamos combinar uma coisa: vens ver a minha ganadaria, vens conhecer isto". Pedro Canas Vigouroux aceitou o convite e relembra "enquanto me mostrava a ganadaria, passámos por uma tapada, onde estavam 20 e tal vacas e sementais. No fim da visita, diz-me ele: lembras-te de ter visto aquela tapada? É esse o gado que vais levar daqui e tens de te inscrever na Associação de Touros de Lide!"





Exemplar que ganhou o prémio de "Melhor Touro" na Feira de Alés

Sem coragem para contrariar o amigo da família, que praticamente lhe estava a fazer uma oferta, Pedro Vigouroux, com 28 anos, viu-se na contingência de experimentar esta nova actividade. "Não tive outra alternativa: tornei-me *ganadero*, sem o esperar. Embora gostasse, não eram, de facto, os meus planos no momento. Lá me decidi por ir a *ganadero* e hoje em dia também não entendo a utilização do gado bravo sem ser para as praças de touros." A decisão foi ainda baseada na ponta de expectativa de que esta nova actividade lhe viesse a dar algum prazer.

Trouxe então as cabeças de gado propostas por Cabral Ascensão. Um ano depois, comprou a Simão Malta mais 10 novilhas da mesma linha e outras seis vacas com um semental da linha Duque de Veragua, de pelagem simples branca, conhecida por "borralhas" ou "alvacentas" ("jaboneras" em espanhol).

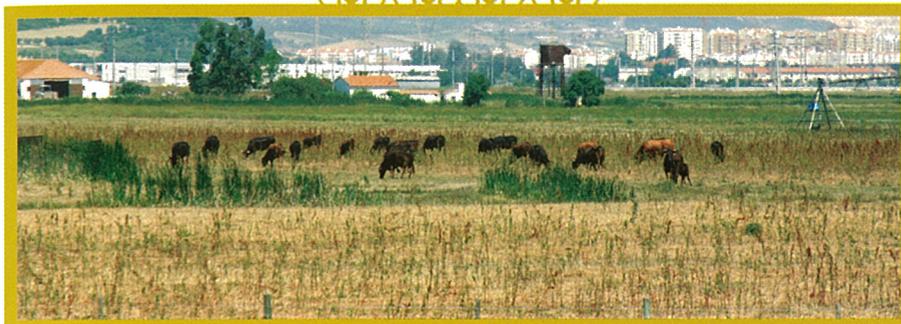
1997 foi o ano da estreia da ganadaria, numa Corrida Mista, na Moita do Ribatejo. A expectativa veio a ser confirmada: "Os

touros saíram bem, o que dá logo outro alento e entusiasmo para seguir em frente."

A ganadaria só se internacionalizou em 2005, em França - Aire sur Adour-, aproveitando o espaço deixado vazio pelas ganadarias espanholas, que se viram impedidas de exportar, devido ao embargo relacionado com a doença da "língua azul". "Os franceses precisavam de touros, já tinham ouvido falar de mim, da minha ganadaria e vieram cá buscar-me um curro". A corrida correu bem e o sucesso teve repercussões noutras paragens. No início da temporada já tinham saído mais quatro touros para França "que resultaram muito bem" e a 28 de Maio a ganadaria marcou presença na feira de Alés, que não podia correr melhor: um dos exemplares (n.º 100) ganhou o prémio de "Melhor Touro" da Feira de Alés. Seis touros receberam a classificação de "Bravos" nas varas e quatro receberam a mesma classificação na muleta. "Estamos agora a fazer uma tentativa no exterior, vamos ver se resulta...". O proprietário vê com bons olhos a internacionalização, não só pelo aspecto monetário, mas porque também lhe agrada a forma séria como o espectáculo aí acontece. Além destas corridas em França, o *ganadero*

Exemplar "jabonero" da linha Duque de Veragua





☼ Alguns exemplares da ganadaria "Cana Vigouroux" ☼



☼ Tenta: aspecto da prova de varas ☼

tem previstas para este ano mais duas participações em praças portuguesas: uma para Abiúl e outra para o Concurso de Ganadarias de Samora Correia.

Tamanho, Bravura e Nobreza

A ganadaria Canas Vigouroux apresenta actualmente um efectivo de 280 animais (machos e fêmeas, entre as várias idades), incluindo 60 vacas de ventre e três sementais. A maior parte das reses são provenientes da linha Cabral Ascensão, a favorita do ganadero: "Em meados da década de 70 foi considerada a melhor ganadaria portuguesa. As primeiras figuras do toureio de Espanha vinham cá tourear as reses dele. Ele tinha a nata do que é bom. Além disso é o encaste que eu gosto: são animais de combate, bravos, com iniciativa e nobreza, tanto para a lide a cavalo, como para a muleta. É um touro que colabora na lide." Já as reses da linha Duque Veragua demonstram uma atitude mais rude e áspera.

Os touros Canas Vigouroux têm uma apresentação vigorosa, possante, revelando-se maiores que os seus "familiares" alentejanos. "São touros com muito tamanho, grandes. Estou convencido que isso se deve à

alimentação, aos pastos, que aqui na Lezíria são bons todo o ano", explica o ganadero. Com três anos pesam entre 500kg. e 550kg. Aos quatro anos têm à volta de 580 / 600kg. "Este peso é ganho com pouco recurso a ração. É uma alimentação praticamente 100% natural." É por isso que muitos dos seus touros são lidados aos três anos.

A ração só entra na alimentação dos animais desta ganadaria no mês de Fevereiro do ano que se prevê que vão sair à praça. Mas Pedro Vigouroux reserva sempre 10 ou 12 touros com três anos sem este regime, para o ano seguinte, "para serem lidados com os quatro anos, lá fora ou em Portugal, consoante a procura que existir".

Seleção: Vitor Mendes, Cavalo e Varas

O facto dos touros serem pesados não tem constituído problema, até porque os de maior peso têm sido canalizados para as lides apeadas. Além disso, a forma física está garantida: "a ganadaria está sempre na mesma herdade, o que faz com que, de Inverno, com os terrenos enlameados e pesados, lhes seja exigido exercício". No entanto o ganadero considera que as corridas a pé,

com prova de varas, são muito mais duras que aquelas a cavalo. É por isso que, nas vésperas das corridas apeadas faz ao curro uma preparação especial: "o maioral fá-los correr um pouco, a fim duma melhor preparação para aguentar o peso exagerado dos cavalos e mesmo das puyas." No caso das lides a cavalo, a opção é não os "fazer correr, para não os avisar".

Desde que a ganadaria começou a ser trabalhada, Pedro Vigouroux procurou que a selecção fosse realizada e supervisionada por Vitor Mendes e Rui Bento Vasques. No entanto, hoje em dia, esta tarefa fica mais nas mãos de Vitor Mendes, que está sempre presente nas tentas, trazendo consigo os novos toureiros portugueses e espanhóis. "Para mim, nas tentas, o trabalho das varas é mais importante que propriamente o da muleta. Penso que seja por isso que os toiros saem com um bocado de pata, de andamento e têm tido algum sucesso."

Ser Ganadero: números e emoção

Se a vida de criador de gado bravo lhe tem trazido alegrias, ao mesmo tempo as suas preocupações e "dores de cabeça"

aumentaram. "Fazer" uma ganadaria é um empreendimento difícil e de grande risco. Por um lado há a imprevisibilidade do mercado: "temos 20 toiros, toda a gente os quer. No dia em que tiver 100, depois ninguém os quer e eu tenho de os comer". Não é propriamente o estado da ganadaria que conta, se os seus touros estão bons ou não. "O que conta é aquilo de que o mercado está à procura. Tudo depende muito da forma como vão saindo nas corridas. Até hoje tem havido solicitações, mas nunca se sabe".

Além do mercado, há que ter em conta outras condicionantes: "por melhor que o gado seja tratado, nunca se pode prever se, por acidente natural, doença, ou outro motivo incontrolável, uma ganadaria verá cair o seu número de efectivos a ponto de dar por perdido todo o tempo e investimento aplicados".

Mas se Pedro Vigouroux tem este sentido pragmático da vida de criador de touros, acaba também por revelar o seu lado emotivo: "Ser *ganadero* tem a ver com a sensibilidade. É uma intuição. Não é uma aprendizagem. Ninguém vai para uma escola aprender esta profissão. O que se pode

aprender é a gostar de touros e a saber apreciar as suas características. O que importa é gostar dos animais e, sobretudo, das mães. Apreciar a maneira como elas reagem ao toureio, nas tentas. É disso que eu gosto. A diferença entre cada ganadaria está na forma como os *ganaderos* se dedicam a este trabalho com as mães; à forma como as tentas são feitas".

O futuro da Festa Brava

Analisando o estado da Festa Brava em Portugal e sendo um dos seus intervenientes, Pedro Vigouroux acredita que todo o espectáculo pode vir a entrar numa fase melhor no futuro, sendo a reabertura do Campo Pequeno um dos motores desta melhoria. "Penso que esta reabertura vai dar um grande empurrão, uma vez que considero bem entregue a organização das corridas ao Rui Bento Vasquez. Ele tem obrigação de empurrar a Festa para a frente". O criador de touros considera o "Campo Pequeno" uma praça de 1.ª e a mais importante em Portugal, confiando que "nas mãos de quem está, tem hipóteses de vir a dar um certo nível ao



Eng.º Pedro Canas Vigouroux

espectáculo de touros em Portugal".

Pedro Vigouroux considera que, nos últimos tempos, a tauromaquia não tem sido bem tratada no nosso país, o que se pode verificar pelo voltar de costas dos nossos aficionados às praças portuguesas, optando por recorrer às que estão além fronteiras. "Os empresários portugueses têm que fazer um esforço para ficarem com boas corridas, bons curros. Caso contrário, os estrangeiros vêm cá buscá-los. Pelos menos às ganadarias que se sabe estarem a sair bem. O mundo taurino está atento às tentas, sabe como correm as corridas e quais são as ganadarias em que vale a pena apostar".

Mas Pedro Vigouroux defende que, para melhorar a Festa Brava em Portugal, o empenho tem de partir de toda a gente. "Empresários, *ganaderos*, toureiros, todos temos de fazer um esforço, demonstrar vontade e disposição para valorizar e dignificar a Festa".

Consumo de Carne Brava certificado

Pedro Canas Vigouroux faz parte da direcção da Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide e apresentou um novo projecto que a Associação tem em mãos: a comercialização da carne de bovino de raça brava de lide. O objectivo é introduzir este tipo de carne no mercado, salientando a sua característica especial: o facto de ser brava e as condições em os animais foram criados. Neste momento está

a decorrer o processo para a certificação da carne, cuja garantia será fornecida apenas pela Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, com um selo específico. Este é o garante que a carne é portuguesa, brava e criada em condições naturais. É assim uma forma de fornecer ao mercado e aos consumidores de carne um género alternativo, mais saudável, ao mesmo tempo que permite rentabilizar melhor a criação deste tipo de gado.

Susana Simões Santos - texto
* Marco Aurélio e *
Ganadaria Canas Vigouroux - fotos

Vila Franca de Xira
Jardim Municipal

26^a

Feira do
5^a Melão

2006
AGOSTO

Vila Franca de Xira
Um Concelho com Identidade

Associação de Produtores de Melão de Portugal
Município de Vila Franca de Xira | Turismo

Vila Franca de Xira

Feira Anual

XXVI Salão de Artesanato

Município de Vila Franca de Xira | Turismo

30 de Setembro a 8 de Outubro



PORTUGAL



Vila Franca de Xira
Um Concelho com Identidade